



RELISE

## **CRÍTICA DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NO ENSINO FORMAL BRASILEIRO: EM DEFESA DE UMA EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO CAPITAL<sup>1</sup>**

*CRITIQUE OF ENTREPRENEURSHIP EDUCATION: IN DEFENSE OF AN  
EDUCATION BEYOND CAPITAL*

*Alysson Rodrigues Couto da Silva<sup>2</sup>*

### **RESUMO**

O artigo tem por objetivo realizar uma análise crítica da educação para o empreendedorismo no Brasil dentro da educação formal. São propostas reflexões acerca da questão ontológica da educação dentro dos limites do capital no contexto da especificidade brasileira. Justifica-se a produção deste artigo com base na vasta disseminação da prática empreendedora, tendo na educação um campo fértil para a promoção desta. O método de análise utilizado tem como fundamento o materialismo histórico-dialético. Compreendemos a educação para o empreendedorismo enquanto um aparelho ideológico que, na sociedade de classes, é voltado para a reprodução do sociometabolismo do capital, tendo como consequências práticas: a naturalização das opressões sistemáticas do capitalismo, o agravamento do desemprego estrutural e uma intensificação da individualização dos fenômenos. Conclui-se como fundamental para a construção de uma educação para além do capital, a negação e a superação da educação para o empreendedorismo.

**Palavras-chave:** empreendedorismo, educação empreendedora, marxismo.

### **ABSTRACT**

This paper aims to conduct a critical analysis of entrepreneurship education in Brazil within formal education. It proposes reflections on the ontological question of education within the limits of capital in the context of the Brazilian specificity. The production of this article is justified based on the vast dissemination of the entrepreneurial practice, having in education a fertile field for its promotion. The method of analysis used is based on historical-dialectical materialism. We understand entrepreneurship education as an ideological device that, in class

<sup>1</sup> Recebido em 27/11/2021. Aprovado em 16/02/2022.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte. alysson.couto.017@ufrn.edu.br



RELISE

society, is geared towards the reproduction of capital's sociometabolism, having as practical consequences: the naturalization of capitalism's systematic oppressions, the worsening of structural unemployment, and an intensification of the individualization of phenomena. We conclude that the negation and overcoming of entrepreneurship education is fundamental for the construction of an education beyond capital.

**Keywords:** entrepreneurship, entrepreneurship education, Marxism.

## INTRODUÇÃO

Com uma ampla disseminação, séculos depois das suas primeiras formulações teórico-metodológicas, o empreendedorismo encarna, na atualidade do fenômeno, um caráter ascendente e é proposto como solução universal para a crise, crise essa caracterizada como estrutural<sup>3</sup> e permanente (MÉSZÁROS, 2011). Nesse contexto específico da difusão da ideologia<sup>4</sup> empreendedora, da criação de políticas públicas e do crescimento da via do empreendedorismo enquanto possibilidade real de mobilidade social, se desenvolvem formas e iniciativas de ensino do empreendedorismo (COAN, 2011).

A primeira tentativa de ensino do empreendedorismo no Brasil ocorreu em 1981, através da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas (EAESP/FGV). Alguns anos depois, em 1984, a Universidade de São Paulo (USP) oferece a primeira disciplina de empreendedorismo no Brasil.

---

<sup>3</sup> A caracterização feita tem como base a “versão em português do texto base da conferência proferida por István Mészáros na abertura do II Encontro de São Lázaro, em 13 de junho de 2011 – data do aniversário de 70 anos da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA.”

<sup>4</sup> A concepção de ideologia aqui utilizada tem uma relação importante com sua conotação negativa. Prado (2020) nos apresenta com uma síntese dessa concepção, utilizando-se de Ludovico Silva: “[...] um campo de ação mental encarregado de preservar os valores da classe opressora [...] um sistema de valores, crenças e representações autogeradas necessariamente nas sociedades em cuja estrutura existam relações de exploração [...] com a finalidade de justificar idealmente sua própria estrutura material de exploração, consagrando-a na mente dos homens como uma ordem “natural” ou inevitável, ou, filosoficamente falando, como uma “nota essencial” ou quidditas do ser humano (SILVA, 1979b [1975], p. 93 e 100; itálicas do original).”



RELISE

158

Ocorreu também em 1984, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o primeiro curso de empreendedorismo brasileiro, vinculado ao Departamento de Ciência da Computação. Na Universidade de Brasília (UnB), em 1995, criou-se a Escola de Empreendedores, não coincidentemente contando com o apoio do SEBRAE, FINEP E BNDES. Ocorre a ampla disseminação da disciplina de empreendedorismo nas Instituições de Ensino Superior (IES), porém tal movimento não se limita ao campo do ensino superior. Como nos lembra Coan (2011, p. 33),

Na educação básica e profissional, o processo de consolidação do ensino do empreendedorismo está em curso, notadamente, em projetos organizados a partir da proposta da pedagogia empreendedora, desenvolvida por Fernando Dolabela, seja como disciplina ou mesmo conhecimento extracurricular transdisciplinar com presença marcante do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), Organizações Não Governamentais (ONGs), ou mesmo de entidades ligadas à divulgação do empreendedorismo, como a JA (Junior Achievement) e Empresa Junior dentro das escolas.

É notória, também, a recente “Jornada de formação em empreendedorismo na educação formal” assinada no dia 15 de abril de 2021, que tem como objetivo “fomentar a cultura empreendedora nas escolas” através do Empreendedorismo Inovador no Ensino Profissional e Técnico, Formação e Valorização de Profissionais da Educação e de Estudantes, Fomento a Ações de PD&I com Foco no Desenvolvimento Territorial, e Realização do Prêmio Nacional de Educação Empreendedora (BRASIL, 2021).

Hoje, a ideologia do empreendedorismo não mais se limita às paredes da universidade. Muito cedo na vida acadêmica, o educando confronta-se com a necessidade de desenvolver habilidades socioemocionais empreendedoras, como “decisões assertivas”, “postura proativa”, “protagonismo na resolução de problemas” (SEBRAE, 2020). Além do discurso midiático contemporâneo do “saber transformar dificuldades em oportunidades”. Depositando toda a responsabilidade de uma realidade social no sujeito individual.



RELISE

Ou seja, o educando se encontra num contexto, no mínimo duplamente individualizante, ao assumirmos que, no modo de produção capitalista, existe uma tendência de individualização dos fenômenos (COAN, 2011). Em discursos oficiais do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), afirma-se como objetivo da formação em empreendedorismo: a tomada de decisões assertivas, sob a justificativa de ser uma educação conectada ao mundo real (SEBRAE, 2021). Desta maneira, a partir da disseminação e internalização do discurso empreendedor, forja-se uma intensificação da individualização dos fenômenos que circundam e formam a vida do educando, num regime de culpabilização que transforma falhas sistemáticas de administração do regime interestatal capitalista em falhas individuais.

O objetivo dessa exposição, para além de suscitar reflexões e problematizar as questões candentes relacionadas ao tema, caracteriza-se por uma explanação, através de uma análise crítica da ideologia empreendedora como uma ideologia **do e para** o capital.

Portanto, não só justifica e naturaliza, num movimento desistoricizante, as opressões sistemáticas indissociáveis ao modo de produção capitalista, com a qual caracterizam o processo sociometabólico do capital, como também se converte em instrumento de ocultação das questões relacionadas à luta de classes. Contribuindo por meio de mediações diversas, para a reprodução das formas de sociabilidade capitalistas.

O método de investigação utilizado tem como base a análise e crítica imanente. Há, neste artigo, uma explicitação dos fundamentos ontológicos dos fenômenos relacionados, suas múltiplas determinações e aspectos condicionantes da educação para o empreendedorismo. Visamos a compreensão da totalidade objetiva do fenômeno, em sua completude concreta analítica.



RELISE

160

Será desenvolvida nos tópicos seguintes, uma exposição das concepções de empreendedorismo trabalhadas neste artigo e sua correlação com o campo da educação formal no Brasil, compreendendo tanto o campo da educação pública, quanto as instituições de ensino privadas.

## **PRÁTICA EMPREENDEDORA E EDUCAÇÃO PARA O EMPREENDEDORISMO**

A construção conceitual e teórico-metodológica do empreendedorismo e seus desdobramentos práticos têm uma particular forma de evidenciação no campo da economia. É a partir das formulações do economista Joseph Schumpeter, que o empreendedorismo assume novas configurações conceituais. Schumpeter atribui e elucida um novo elemento para o debate teórico-conceitual acerca do empreendedorismo, a inovação. É descrito um processo chamado de “destruição criadora”, no qual as categorias próprias ao capitalismo são superadas dentro de seu desenvolvimento. Nesse processo, o empreendedor adquire uma função de “agente da inovação” e de “ativação da economia” e a partir disso se explicaria o desenvolvimento econômico dentro dos limites da sociedade capitalista.

As postulações de Schumpeter assumem um caráter comportamental. A ascensão econômica, a prosperidade familiar individual, ou seja, a classe social do sujeito, nesta interpretação específica, depende de um conjunto de habilidades e aptidões determinadas que seriam inatas, como um “espírito”, um estado mental. Ora, se tudo depende da distribuição de características individuais, não existe espaço para as determinações históricas em tais postulações, há, apenas, a subjetividade empreendedora. O empreendedor na teoria schumpeteriana, é um ser a-histórico, que independe do contexto sócio-cultural que o circunda e que supera qualquer conflito de classe que se relacione com a atividade empreendedora.



RELISE

161

Ao analisarmos criticamente as postulações schumpeterianas, desvela-se a função da ideologia empreendedora enquanto ideologia **do e para** o capital pois, além da dissolução da questão da luta de classes intrínseca ao debate exercido pelo autor, existe um movimento de ocultação da mesma.

Assumindo o prisma subjetivista, Schumpeter responsabiliza a classe trabalhadora pela sua própria exploração sistemática, já que a mobilidade social, a pobreza e a desigualdade, seriam resultantes de comportamentos específicos individuais, ignorando toda a macroestrutura social, num movimento mecânico de valorização do sujeito empreendedor.

Conscientemente ou não, o principal autor clássico das teorias e do constructo conceitual da categoria do empreendedorismo, advoga por uma ideologia que não só contribui para a reprodução da exploração do homem pelo homem, como também, a oculta.

O empreendedorismo se dissemina e se relaciona diretamente com a teoria schumpeteriana, encontrando na educação uma forma de enraizamento e construção de um projeto político-ideológico que seja pautado pela promoção da subjetividade empreendedora. Em 1998, o Instituto Euvaldo Lodi Nacional criou uma política que estimulava a educação para o empreendedorismo, e isso não se limitou a um curso específico, se espalhando para todas as áreas do conhecimento, e convidou para desenvolvimento desta, o professor Fernando Dolabela, hoje conhecido como um expoente do ensino do empreendedorismo no Brasil (ALVES; PESSOA, 2018).

Deste modo, a educação para o empreendedorismo supostamente desenvolveu focos específicos relacionados à promoção de espaços que favoreçam o protagonismo juvenil, para potencializar o desenvolvimento dos





RELISE

“comportamentos empreendedores”, exercendo sua cidadania<sup>5</sup> de forma crítica (ALVES; PESSOA, 2018).

Os idealizadores e defensores da Educação Empreendedora, entendem que:

A sociedade contemporânea exige pessoas empreendedoras, autônomas, com competências múltiplas, que saibam trabalhar em equipe, tenham capacidade de aprender e adaptar-se a situações novas e complexas, de enfrentarem novos desafios e promoverem transformações. Em decorrência dessa realidade, a Educação Empreendedora passou a ocupar posição estratégica no campo econômico e social no cenário brasileiro. É preciso aprender sobre empreendedorismo. (ALVES; PESSOA, 2018, p. 27)

Desde o início de sua existência, o SEBRAE, pretende-se um agente de transformação da sociedade brasileira, tanto econômica, quanto social. “Todas as metodologias educacionais desenvolvidas pela instituição têm como premissa, os quatro pilares da educação: o saber conhecer, saber fazer, saber ser e saber conviver da UNESCO, que embasam os processos educativos e o desenvolvimento de competências de natureza cognitiva, atitudinal e operacional” (SEBRAE, 2015, *apud* ALVES; PESSOA, 2018, p.27).

Segundo Alves e Pessoa (2018, p. 27):

Mesmo existindo várias teorias sobre processos de aprendizagem humana, o SEBRAE fez a opção das teorias coerentes com sua proposta pedagógica, tanto nos pilares da UNESCO, quanto nas competências nas teorias sócio-críticas (Paulo Freire), humanistas (Carl Rogers), cognitivistas (Piaget), nos princípios que contribuíssem para materializar uma educação que fosse, realmente, empreendedora. Ademais, utiliza-se ainda da teoria histórico-social (Saviani)<sup>6</sup>, tendo em vista que possibilita a compreensão de ser integral, seja criança, adolescente ou adulto, na sua formação como sujeito único, mas, ao mesmo tempo, social e histórico.

---

<sup>5</sup> Para uma melhor compreensão acerca do conceito de cidadania indico a leitura de “A crítica de Marx ao conceito de cidadania” de Britto (2018).

<sup>6</sup> Interessante notar a “aplicação” da teoria histórico-social como se fosse apenas mais uma técnica a ser utilizada, desconsiderando seu caráter radical e dialético, além do proposital não-apontamento do caráter marxista da análise de Saviani acerca da educação. Para uma compreensão mais ampla acerca da produção do referido autor vale a leitura das produções presentes na coletânea: “Dermeval Saviani, um marxista da educação.” (Marxismo21, 2021). Disponível em: <https://marxismo21.org/dermeval-saviani-um-marxista-da-educacao/>



RELISE

“O sistema SEBRAE foi criado pelo Governo Federal em 1972, e, segundo o Relatório de Gestão do SEBRAE (2015, p. 17), desde 1990 assumiu as características de entidade de direito privado, com plena autonomia administrativa.” (ALVES; PESSOA, 2018, p. 28). Ocorre também a participação das empresas que integram o sistema, na gestão do mesmo, e é exercida por meio de representantes dos Conselhos Deliberativos de âmbito federal-nacional e estadual. (ALVES; PESSOA, 2018). Tais Conselhos são integrados e compostos por diversas representações de áreas da economia brasileira, representantes do Sistema Financeiro, algumas entidades governamentais, e conta também com representantes de IES.

De acordo com Alves e Pessoa (2018, p. 29):

Dessa forma, de acordo com os Referenciais Educacionais (2006, p. 26), o SEBRAE cumpre o seu compromisso “coletivo e permanente de formação de indivíduos, para que despertem e desenvolvam seu potencial empreendedor, de maneira a melhorar sua qualidade de vida e a de sua comunidade.

Percebe-se a forma como é concebido o empreendedorismo nessa proposição educacional, o empreendedorismo enquanto comportamento, enquanto forma espiritual, uma motivação, pois disseminar empreendedorismo implicaria em fomentar o “desenvolvimento<sup>7</sup> local sustentável”. Logo,

foi pensando nisso que o SEBRAE desenvolveu o Programa Nacional de Educação Empreendedora, com foco nos três segmentos do Ensino Formal: Fundamental, Médio e Superior, com o “objetivo de ampliar, promover e disseminar a Educação Empreendedora nas instituições de ensino por meio da oferta de conteúdos de empreendedorismo nos currículos, objetivando a consolidação da cultura empreendedora na Educação”, de acordo com o Manual de Gestão do Programa Nacional de Educação Empreendedora. (2017, p. 96, *apud*, ALVES; PESSOA, 2018, p. 29)

---

<sup>7</sup> Podemos notar aqui o desenvolvimento enquanto horizonte utópico justificador da estrutura econômica capitalista. Indico também a leitura de: “Ideologia do Desenvolvimento” de Fernando Correa Prado (2020), neste livro o autor versa, impecavelmente, acerca do desenvolvimento através de uma perspectiva crítica para com o tema.





RELISE

Na tese de doutorado elaborada por Marival Coan em 2011, no item “ABORDAGENS CRÍTICAS DA EDUCAÇÃO PARA O EMPREENDEDORISMO” é apresentado um estudo de Souza (2009) na rede pública de ensino no município do Rio de Janeiro, tal estudo “identificou que as reformas introduzidas, a partir de 1990, principalmente os textos de mensagens entregues aos professores, estavam impregnadas das noções do gênero da literatura de autoajuda e do empreendedorismo” (COAN, 2011, p. 207). Esse movimento fez com que se desenvolvesse uma nova cultura de trabalho docente baseado na valorização de um senso comum, e num ensino puramente prático-técnico. Constatou-se que, “dava-se maior ênfase à literatura de autoajuda, bem como, ao desenvolvimento de projetos educativos que incentivavam o ‘espírito empreendedor’, visto que havia pressão dos empresários da região pela melhoria da mão-de-obra na Zona Oeste dessa cidade” (SOUZA, 2009, p. 23, *apud* COAN, 2011, p. 208).

Dessa forma, no estudo, fica explícito que:

Pelo prescrito, é interesse da SME-RJ (Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro) que os professores cumpram esse papel de formadores de empreendedores, sendo que esse perfil está sendo absorvido no ambiente escolar pelo fato de corresponder às exigências do novo mercado de trabalho que preconiza padrões de comportamento característicos de sujeitos dinâmicos, comunicativos e felizes. (COAN, 2011, p. 209)

Numa outra tese de doutorado, também analisado por Coan (2011), é estudada a, até então, nova proposição do empreendedorismo como forma de combater o desemprego juvenil, “apresentada por meio da pedagogia empreendedora de Dolabela (2003) e do Projeto Jovem Empreendedor do governo federal” (COAN, 2011, p. 211). O desemprego juvenil, identifica-se com a globalização e financeirização do sistema interestatal capitalista e o agravamento do desemprego estrutural que lhe é relacionado.



RELISE

A formação desses novos empreendedores, movimento intrinsecamente relacionado com a divisão internacional do trabalho, tem como objetivo a criação de alternativas de trabalho e geração de renda, assim, “o empreendedorismo, que era tema do mundo dos negócios, povoou rapidamente o espaço escolar nos últimos tempos” (COAN, 2011, p.212).

Coan (2011) também nos lembra que:

A origem desse discurso para a educação encontra-se nos documentos dos organismos multilaterais de cooperação internacional que articulam o ideário do “aprender a aprender” com a introdução de um quinto pilar intitulado “aprender a empreender. (COAN, 2011, p.212)

São identificadas convergências explícitas entre a pedagogia empreendedora de Dolabela e o projeto jovem empreendedor. A pedagogia empreendedora se guia por um conjunto de valores que devem ser desenvolvidos desde a infância, focando a juventude e, principalmente, os jovens da classe trabalhadora, forjando um ser proativo, que se autodetermine em quaisquer que sejam as circunstâncias, sempre empreendendo (COAN, 2011). O programa jovem empreendedor opera com a intenção de “funcionar como uma política de combate ao desemprego juvenil, [...]. Por isso seu público-alvo são os jovens economicamente pobres, discriminados ou marginalizados” (DREWINSKI, 2009, p.54, *apud* COAN, 2011, p. 213).

Ficam expostas assim, as bases, os objetivos, a metodologia, a justificativa e a forma com a qual a educação para o empreendedorismo se desenvolveu. Sendo uma proposta de fomentação de um conjunto de comportamentos capazes de ativar a economia e o desenvolvimento econômico brasileiro, mesmo que não fiquem explícitas as especificidades dessas capacidades.



RELISE

166

## **TRABALHO E EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO CAPITAL**

Neste artigo parte-se da compreensão que “o ser do homem e, portanto, o ser do trabalho, é histórico” (SAVIANI, 2007, p. 152), logo, a história da humanidade se relaciona diretamente com a história do desenvolvimento das forças produtivas. Nesta seção serão elucidadas as relações entre o trabalho e a educação, e também, como a educação assume um caráter fundamental para a transformação da sociedade.

A forma com a qual é concebida a educação neste artigo parte da ontologia, ou seja, uma forma de análise dos fenômenos que os compreende em sua concretude total, a unidade dialeticamente relacionada entre subjetividade-objetividade. As cisões operadas entre tais dimensões são meramente direcionadas à descrição dos fenômenos.

Desta maneira, a dimensão objetiva é composta por múltiplas categorias que determinam e condicionam sua manifestação na realidade material. Entender o fenômeno em sua totalidade concreta, na ontologia material-dialética consiste em considerar as diversas relações contraditórias dentro do seu processo de desenvolvimento, diferentemente das posições epistemognosiológicas que remetem à qualidade presente na subjetividade ou no sujeito cognitivo, operando como imputação subjetiva sobre a realidade (FERRAZ; CHAVES; FERRAZ, 2018).

A categoria do trabalho é tida aqui como fundante do ser social. Utiliza-se a interpretação advinda da obra do autor húngaro György Lukács. A forma com a qual tal relação se desenvolve fica explícita em Lessa (1992, p. 32):

No contexto da ontologia lukacsiana, isto significa que, por um lado, a gênese da categoria do trabalho corresponde a gênese de uma nova esfera do ser, de uma nova substancialidade, radicalmente distinta do ser apenas natural. E, por outro lado, que o trabalho fornece a protoforma, o modelo genérico, da práxis humano-social.



RELISE

167

A partir da elucidação da categoria, realizam-se questionamentos acerca da relação educação-trabalho, por exemplo: “o que é que está inscrito no ser do homem que lhe possibilita trabalhar e educar?” (SAVIANI, 2007, p. 153). Se está pressuposto na questão, o homem enquanto ser constituído pela capacidade de trabalhar e educar, abre-se então, a possibilidade de tais atributos desenvolverem um estatuto ontológico.

De acordo com Lessa (2015, p. 16):

Para Lukács, portanto, existem três esferas ontológicas distintas: a inorgânica, cuja essência é o incessante tornar-se outro mineral; a esfera biológica, cuja essência é o repor o mesmo da reprodução da vida; e o ser social, que se particulariza pela incessante produção do novo, através da transformação do mundo que o cerca de maneira conscientemente orientada, teleologicamente posta.

Ou seja, existe uma indissolubilidade entre as três esferas e um processo evolutivo correlacionado, assim: “do inorgânico surgiu a vida e, desta, o ser social.” (LESSA, 2015, p. 16). Podemos constatar então, o início do surgimento do homem no momento em que o ser natural (esfera biológica) se destaca da natureza, mesmo que numa ineliminável articulação com a mesma, e para continuar a sua reprodução material, precisa produzir sua própria vida. (SAVIANI, 2007).

Fundamentado em Marx e Engels (1974, p. 19, *apud* SAVIANI, 2007) afirma-se: “o homem se diferencia propriamente dos animais a partir do momento em que começa a *produzir* seus meios de vida, [...] Ao produzir seus meios de vida, o homem produz indiretamente sua própria vida material.”

Ora, se a história da reprodução material do homem coincide com a história do desenvolvimento das forças produtivas através do trabalho (Saviani, 2007), o que o homem é, no caso torna-se, ele é-o pelo trabalho. Logo, não nascemos, ou brotamos do vazio enquanto humanidade, formamo-nos homens e mulheres, ou seja, aprendemos a nos produzir enquanto tais.



RELISE

O processo de desenvolvimento humano é inerentemente um processo educativo. “Portanto, a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem [...] A origem da educação coincide, então, com a origem do homem mesmo.” (SAVIANI, 2007, p. 154).

Com a introdução do modo de produção capitalista, ocorre de maneira relacionada uma revolução educacional, já que o processo produtivo e a educação são compostos por uma relação intrínseca. Até nos momentos em que se efetuou a separação entre tais categorias, isso só foi possível pelo condicionamento da organização das forças produtivas. Se o trabalho é dividido, a educação também. É o processo de produção que determina como a educação se organiza, seja separada ou como fundamento da produção.

Compreende-se a educação como parte central do processo de produção e reprodução da vida social. A educação, na posição aqui defendida, deve ser voltada para a transformação, pois, a questão não é mais interpretar o mundo, mas sim transformá-lo (MARX, 1888), edificando um processo de “transformação socialista”, que, utilizando a exposição e concepção de István Mészáros (2008), significa a emancipação da humanidade.

Desta forma, “nenhuma sociedade pode perdurar sem seu sistema próprio de educação” (MÉSZÁROS, 2006, p. 263 *apud* ANTUNES, 2018, p. 165) isto significa que “as relações sociais de produção reificadas sob o capitalismo não se perpetuam automaticamente” (MÉSZÁROS, 2006, p. 263 *apud* ANTUNES, 2018, p. 176). Assim, para Mészáros (2008), a educação, nos últimos um século e meio, foi pautada para reprodução e perpetuação do sistema interestatal capitalista e suas estruturas sociais (ANTUNES, 2018). Sem cair numa negação idealista da escola ou da educação formal, defendemos uma ruptura com tais sistemas educacionais que assumem papel central no processo de sociometabolismo do capital. Tendo como norte uma educação plena para toda a vida, uma ruptura que reforme radicalmente tais estruturas.



RELISE

Esta é a posição e a linha teórico-prática defendida aqui, a defesa da educação para além do capital.

Dessa forma, os princípios orientadores da educação formal devem ser desatados do seu tegumento da lógica do capital, de imposição de conformidade, e em vez disso mover-se em direção a um intercâmbio ativo e efetivo com práticas educacionais mais abrangentes (...). Sem um progressivo e consciente intercâmbio com processos de educação abrangentes como “a nossa própria vida”, a educação formal não pode realizar as suas muito necessárias aspirações emancipadoras. (MÉSZÁROS, 2005, p.58-9, *apud* ANTUNES, 2018, p. 177)

### **ANÁLISE CRÍTICA DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NO BRASIL**

Nesta seção o objetivo específico é a construção de uma crítica da educação para o empreendedorismo, no qual já foram explicitados suas bases teóricas e diversas políticas, projetos e processos que compõem a história da educação empreendedora no Brasil.

No estudo de Souza (2009), analisado em Coan (2011) como anteriormente citado, pode-se constatar que, “é interesse da SME-RJ que os professores cumpram esse papel de formadores de empreendedores” (COAN, 2011, p. 210) assim, é identificado que “os interesses da classe dominante são, desde cedo, reproduzidos de modo ideológico na formação das crianças e jovens no ambiente escolar” (COAN, 2011, p. 210).

Já que o papel dos professores é voltado ao mercado de trabalho, focando em ensinar a esses alunos formas alternativas ao emprego formal, inserindo o educando em trabalhos informais e precarizado. Evidencia-se o movimento do capital<sup>8</sup> de internalizar os valores necessários à sua reprodução

---

<sup>8</sup> Capital enquanto valor que se valoriza, de acordo com Ferraz (2020): “Há um trecho no livro 2 de O capital em que Marx (2014) menciona que o caráter devastador do capital não está na produção, mas na reprodução, que é o que mantém a valorização do valor operando. Antes disso, ainda em O capital livro 1, explicando sobre a reprodução simples, ele explica que se a produção é capitalista, a reprodução também a será, se o capital é valor que se valoriza, a mera produção de uma mais-valor ao final do processo, não garante sua perpetuação, “se essa renda serve ao capitalista apenas como fundo de consumo ou é gasta com a mesma periodicidade com que é obtida, então ocorre, permanecendo iguais as demais circunstâncias, a reprodução simples” (Marx, 2013, p. 642). Ou seja, é insuficiente, para a perpetuação do modo de produção





RELISE

170

constante. Ora, esse movimento que se apresenta como uma proposição inovadora, nada mais é que um movimento conservador do ciclo sociometabólico do modo de produção capitalista.

De acordo com Coan (2011, p. 212):

A existência do desemprego estrutural é uma realidade e os dados mostram isso claramente, no entanto as causas desse problema não são apresentadas pelos propositores do empreendedorismo. Ou seja, destaca-se um problema que aflige a muitos e, em seguida, a “solução”, sem o devido diagnóstico das causas que evidenciaríamos que o problema do desemprego é o próprio sistema capitalista e sua lógica de exploração, até porque, destaca a autora, “por mais empreendedor que o jovem se torne, dificilmente terá garantias de inserção no mercado de trabalho” (DREWINSKI, 2009, p. 15).

Os então defensores, disseminadores e idealizadores da educação para o empreendedorismo, inserem-se nesse movimento de ocultação das contradições do capitalismo, ou seja, ignoram o contexto sócio-histórico, cultural e o econômico que circundam os educandos envolvidos nesse processo de ensino-aprendizagem do empreendedorismo. Essas “proposições para combater o desemprego estrutural se fundamentam na criatividade, capacidade e habilidades individuais, ou seja, o foco dessas proposições é o individualismo” (COAN, 2011, p. 212).

O empreendedorismo e sua interface com a educação, que se pretende uma “solução” para o desemprego estrutural, quando analisado na atualidade de seu movimento, se mostra inócuo. Ao contrário, a taxa de desemprego só cresce, como nos mostra Ferraz (2020) na figura 1.

---

capitalista, que se gere mais-valor; é necessário, pois, que sejam continuamente desenvolvidos meios de manter-se produzindo mais-valor em ciclos cada vez mais velozes e menos custosos (Marx, 2014).”



RELISE

171

Figura 1 - Evolução da taxa de desemprego



Fonte: Marquetti (2016, s/p) apud Ferraz (2020).

Desta forma, “uma vez que a sociedade, em face desse contexto, é incapaz de gerar condições de inserção dos indivíduos (ao mercado de trabalho), delegam a eles – os indivíduos – essa responsabilidade” (DREWINSKI, 2009 p. 16, apud COAN, 2011).

A partir da análise das duas proposições (pedagogia empreendedora de Dolabela e o projeto Jovem Empreendedor do governo federal), Drewinski (2009, apud COAN, 2011, p.213) não falha em articular as duas propostas de reestruturação do capital,

processo de reestruturação produtiva do capital que implicou novas formas de gestão e organização das relações de trabalho que passaram a exigir novas competências do trabalhador e simultaneamente responsabilizá-lo por sua qualificação para poder estar disponível para atender as demandas do mercado, como um sujeito autônomo, competente, empreendedor, capaz de acumular o máximo de conhecimentos considerados necessários para se manter em condições de empregabilidade.



RELISE

Com efeito, a Educação Empreendedora, tem um estatuto de articulação com os interesses da classe dominante, a burguesia, evidenciando a luta de classes<sup>9</sup>. Idealizada como resposta às diversas crises presentes na sociedade, convencendo a classe trabalhadora a se adaptar e aceitar acriticamente as mudanças exigidas pelo capital.

De forma análoga, “o empreendedorismo é apresentado às pessoas como forma de garantir o autoemprego frente ao crescente desemprego que tem sua origem no próprio modo capitalista de produção.” (COAN, 2011). Assim, os projetos de educação empreendedora elaborados pelo SEBRAE e suas formas de implementação na educação, são uma forma de “conformar e silenciar a classe trabalhadora frente à possibilidade de sua emancipação” (COAN, 2011). Assim, o SEBRAE toma uma posição muito clara frente a luta de classes, com função de

agente ideológico de contenção da classe trabalhadora ao se colocar como implementador de uma cultura empreendedora individualista que mobiliza as pessoas a criarem suas ocupações produtivas, no formato de micro e pequenas empresas, prometendo sucesso, que na prática poucos atingem. (COAN, 2011, p. 214)

Eminentemente, o empreendedorismo, enquanto agente ideológico, tem uma efetividade satisfatória para os interesses do capital e da classe capitalista. Esses interesses são o aumento da taxa de exploração da mais-valia e da taxa de lucro (apesar da tendencial queda da taxa de lucro desvelada por Marx (1985) n’O Capital).

A criação de micro e pequenas empresas no Brasil, atualmente é formalizada, possibilitada pela Lei do MEI (Microempreendedor Individual)<sup>10</sup>. Esta é uma questão que adquire caráter de favorecimento às grandes empresas,

<sup>9</sup> Utiliza-se as concepções postas em “A luta de classes: uma história política e filosófica” de Domenico Losurdo (2015).

<sup>10</sup> Criada um ano depois do relatório GEM (Global Entrepreneurship Monitor) de 2007, onde foi apontado que as microempresas atuavam na informalidade, com causas nos preços elevados para abertura de empresas. (FERRAZ, 2020)



RELISE

algo que se dá pela via da terceirização, por exemplo. “O autoemprego funciona como forma de precarização desses empreendedores que se quiser qualquer benefício deverá ele próprio financiar.” (COAN, 2011, p. 214). Portanto, empreendedor e o adjetivo “precarizado” são sinônimos, ser empreendedor é ser precarizado, sem usufruir de nenhum dos direitos assegurados pela classe trabalhadora assalariada.

A pedagogia empregada na educação promovida pelo SEBRAE e sua acriticidade servem como uma via de naturalização das formas de sociabilidade postas no capitalismo. Tal pedagogia se enquadra nas teorias não críticas (SAVIANI, 2005).

As concepções em Dias (2006), sistematizadas por Coan (2011), são basilares para uma maior compreensão da forma com a qual o empreendedorismo e seus agentes alicerçam a educação e se inserem nas escolas. Dias (2006) traz uma perspectiva alternativa à pedagogia empreendedora de adaptação e naturalização do capitalismo, assim,

somos contrários à perspectiva conformadora da pedagogia empreendedora que tem ganhado espaço na educação [...] para se adequar às mudanças exigidas pelo mercado. Congregamos uma outra perspectiva de formação calcada numa concepção marxista de formação humana [...] (DIAS, 2006, p. 6, *apud* COAN, 2011, p. 216)

A concepção alternativa a qual se refere, tem base na noção de politecnia de Saviani,

vislumbramos como horizonte de formação humana a ser perseguida, a concepção de politecnia, que aponta para uma formação omnilateral de homem. Uma concepção de homem, para além do mercado, que possa contribuir para a transformação radical da sociedade capitalista (DIAS, 2006, p. 115, *apud* COAN, 2011).

Coan (2011) se utiliza também da crítica à teoria do capital humano, a partir da exposição de um artigo de Costa (2009) que problematiza a interface com o campo educacional, que se dissemina pela via da “cultura do empreendedorismo” caracterizando-a como reducionista e empobrecedora do



RELISE

processo de formação humana e das relações sociais, assim como, o processo de ensino-aprendizagem.

Desta forma, uma das consequências práticas da teoria do capital humano, no neoliberalismo, é a extrapolação da cultura empreendedora para todos os campos da sociedade. Visando convencer a classe trabalhadora a investir em seu capital humano, fortalecendo, paradoxalmente e simultaneamente a exploração do mais-valor, gerando riqueza abstrata para o capital.

Portanto, Costa (2009, *apud* COAN, 2011), postula que, impulsionada pela cultura empreendedora, o capitalismo neoliberal cria um novo ser, uma nova noção de indivíduo, de subjetividade, criando um "indivíduo-micro-empresa" que se encontra em constante competição.

Tal culto ao individualismo do ser-micro-empresa, é tanto propagado por setores progressistas, como por setores conservadores, por segmentos privados e públicos, caracterizando a generalização da cultura empreendedora na sociedade (COSTA, 2009 *apud* COAN, 2011). Esse indivíduo cultuado é fragmentado através da fragilização das relações sociais. Tal fragmentação se evidencia na noção de alguém isolado e responsável por si, e única e exclusivamente por si, mesmo que inserido em contextos de trabalho em equipe.

Esse mesmo indivíduo-micro-empresa vem sendo o indivíduo modelo para a educação empreendedora. Podemos localizar essa modelagem da subjetividade do educando a partir de um dos pilares do ideário educacional disseminado por órgãos internacionais, governamentais e as parcerias público-privadas, o chamado "aprender a empreender".

Coan (2011), se utilizando de um artigo de Souza (2008), captura essa perspectiva, e aponta que tal movimento se insere no contexto "de produção do consenso hegemônico do capital que procura reduzir a educação aos estritos



RELISE

175

interesses do mercado e a produção da mais-valia pela exploração do trabalho abstrato.” (COAN, 2011, p. 218). Assim, como elucida Coan (2011, p. 219):

O “aprender a empreender” reduz o trabalho educativo à produção de mais-valia em contexto de crise estrutural; aproxima, dessa forma, a educação ao complexo da alienação, “pois pretende, em vão, adaptar o indivíduo à sociedade capitalista de forma a tentar inutilmente harmonizar os conflitos entre capital e trabalho, ao desconsiderar o conteúdo desumano que existe durante a produção de mais-valia” (SOUZA, 2008, p.15).

Portanto, o micro-empendedorismo juvenil é a solução para o desemprego, e decorre daí a necessidade de educá-lo para esse fim. Ao mesmo tempo em que promete ao jovem encontrar ocupação como empreendedor, também destaca que ele se liberta do trabalho assalariado e monótono.

A conclusão da análise dos fundamentos orgânicos e históricos do discurso de formação de jovens empreendedores, caracteriza-se pela disseminação da

tese que pretende ser a solução para o “trabalho” do jovem; contudo, vem naturalizar a sua condição de protagonista empreendedor, único responsável por sua sobrevivência e pelo desenvolvimento econômico da coletividade a que pertence, revelando ser um discurso pragmático e ideológico, que reforça o individualismo próprio da racionalidade neoliberal. (COAN, 2011, p. 220)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A educação para o empreendedorismo, em todas as suas modalidades, vias e camadas, cai num movimento de legitimação, naturalização e de satisfação das demandas desumanizadoras do capital. Neste artigo, a partir de um arcabouço teórico fundamentado no materialismo histórico-dialético, foi construída uma crítica à educação para o empreendedorismo. Toda e qualquer manifestação da educação contaminada pela ideologia empreendedora, há de se inserir na crítica aqui erguida. Precisamos negar as concepções pragmáticas, nas quais postulam a realidade como algo estático, sem possibilidade de transformação. Sem uma compreensão crítica das estruturas sociais.





RELISE

176

Nessa linha teórica podemos localizar a educação para o empreendedorismo na lógica mercadologizante do capital, isso significa que educação dentro da ideologia empreendedora é transmutada em uma mercadoria com um valor específico. Após essa transformação em objeto de exploração pelos agentes ideológicos do capitalismo, a educação torna-se um servo do lucro. O sistema educacional é, efetivamente, um campo fértil para o regime estratégico de obtenção de lucro e extração de mais-valor. Daí compreende-se o enraizamento desse fenômeno na sociedade, a educação empreendedora tem um valor de uso que é instrumentalizado para a reprodução da classe dominante. No mercado educacional, o empreendedorismo é uma mercadoria vendável.

Para a superação dos modos de sociabilidade dentro dos limites do capital, é necessário uma compreensão crítica do movimento de disseminação da ideologia empreendedora. Com efeito,

necessitamos, então, urgentemente, de uma atividade de "contrainternalização", coerente e sustentada, que não se esgote na negação – não importando quão necessário isso seja como uma fase nesse empreendimento – e que defina seus objetivos fundamentais, como a criação de uma alternativa abrangente concretamente sustentável ao que já existe. (MÉSZÁROS, 2008, p.44)

Para a transformação da realidade, como enfatiza Mézáros (2008), a negação da internalização promovida pelo capital não deve se encerrar em si, devem ser construídas formas de contraconscientização, entendendo a "contraconsciência" como uma negação da naturalização do capitalismo.

Para que seja alcançada uma mudança ampla e estrutural, não só, mas também, pela via do campo educacional, é necessária uma ruptura radical com a lógica do capital. A cooptação da educação contribui diretamente para a configuração das formas de sociabilidade pautadas na opressão de raça, classe e gênero. Devemos pautar no debate público uma educação revolucionária, uma educação voltada para a emancipação da humanidade.



RELISE

177

Para Mészáros (2008), é necessária a universalização da educação em sua indissociável relação com o trabalho, enquanto fundante do ser social, algo efetivamente oposto à forma com a qual a educação para o empreendedorismo se entende e se efetiva, tendo uma concepção de trabalho completamente idealista e alienante.

Com efeito, a mudança estrutural elucidada, não é um horizonte para um momento pós-revolução, não é um construto meramente teórico para ser aplicado num momento oportuno. Em nenhum momento a educação para além do capital demonstra-se utópica. Ao contrário, a educação para além do capital é uma necessidade concreta imediata, e tal entendimento se efetiva através de uma crítica ontológica dos sistemas educacionais inseridos nos modos de sociabilidades capitalistas.

## REFERÊNCIAS

II ENCONTRO DE SÃO LÁZARO, 2., 2011, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. **CRISE ESTRUTURAL NECESSITA DE MUDANÇA ESTRUTURAL [...].** [S. l.: s. n.], 2011.

AGUIAR, Valdinei Santos de; VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel de. Infância, trabalho e saúde: reflexões sobre o discurso oficial de proibição do trabalho infantil, **Saúde em Debate**, v. 41, p. 25–38, 2017.

ALVES, Daniel Figueiras; PESSOA, João. A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NA ESCOLA: CONTEXTOS, CONCEPÇÕES E CRÍTICAS, p. 39, 2018.

ALVES, Stênio, **A crise estrutural do capital de István Mészáros como uma síntese sui generis: possibilidades e limites**, Universidade Federal de Uberlândia, 2014.

ANTUNES, C. EDUCAÇÃO EM MÉSZÁROS. RTPS - Revista Trabalho, Política e Sociedade, v. 3, n. 05, p. p. 163-180, 1 out. 2018.

\_\_\_\_\_. MÉSZÁROS, István. A Crise Estrutural do Capital. *Geminal: marxismo e educação em debate*, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 144–146, 2010. DOI:



RELISE

10.9771/gmed.v2i1.9611.

Disponível

178

em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9611>.

Acesso

em: 21 fev. 2022.

**ASN - Sebrae e MEC celebram acordo que beneficiará milhares de docentes e estudantes**, ASN - Agência Sebrae de Notícias, disponível em: <<https://www.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/NA/sebrae-e-mec-celebram-acordo-que-beneficiara-milhares-de-docentes-e-estudantes,43ef6083937d8710VgnVCM100000d701210aRCRD>>. acesso em: 4 nov. 2021.

BRITO, Rose Dayanne Santos de. A crítica de Marx ao conceito de cidadania, **Revista da Faculdade de Direito**, v. 1, n. 39, 2018.

COAN, Marival. **EDUCAÇÃO PARA O EMPREENDEDORISMO: IMPLICAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS, POLÍTICAS E PRÁTICAS**. Orientadora: Eneida Oto Shiroma. 2011. 540 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/94847>. Acesso em: 17 fev. 2022.

DERMEVAL Saviani: um marxista da educação. [S. l.]: **Marxismo21**, 23 abr. 2021. Disponível em: <https://marxismo21.org/dermeval-saviani-um-marxista-da-educacao/>. Acesso em: 18 fev. 2022.

**Educação Empreendedora - Sebrae**, disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/educacaoempreendedora>>. acesso em: 3 nov. 2021.

FERRAZ, Deise Luiza da Silva; CHAVES, Rossi Henrique Soares; FERRAZ, Janaynna de Moura, **PARA ALÉM DA EPISTEMOLOGIA: REFLEXÕES NECESSÁRIAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO CONHECIMENTO**, **REAd. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)**, v. 24, n. 2, p. 1–30, 2018.

FERRAZ, J.; FERRAZ, D.; BIONDINI, B. EM BUSCA DE UMA “EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO CAPITAL” E A QUESTÃO DO ENSINO FORMAL NO BRASIL. **RTPS - Revista Trabalho, Política e Sociedade**, v. 3, n. 05, p. p. 181-204, 1 out. 2018.



RELISE

179

FERRAZ, Janaynna de Moura. NÃO SÃO GIGANTES, SÃO MOINHOS DE VENTO: AS DESVENTURAS DOS/AS EMPREENDEDORES/AS EM TERRA BRASILENSIS, **Caderno de Administração**, v. 28, p. 76–81, 2020.

GIOVANELA, Adriana *et al.*, As características da disciplina de empreendedorismo em Instituições de Ensino Superior (IES) do Estado de Santa Catarina, **Revista Gestão Universitária na América Latina - GUAL**, p. 69–84, 2010.

**Jornada de formação em empreendedorismo na educação formal — Português (Brasil)**, disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/jornada-de-formacao-em-empendedorismo-na-educacao-formal>>. acesso em: 3 nov. 2021.

LESSA, Sergio, Lukács: trabalho, objetivação, alienação, **Trans/Form/Ação**, v. 15, p. 39–51, 1992.

\_\_\_\_\_. PARA COMPREENDER A ONTOLOGIA DE LUKÁCS. 4ª edição. São Paulo: Instituto Lukács, 2015.

MARX, K. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

\_\_\_\_\_. **Teses sobre Feuerbach**. Disponível em: <[marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm](http://marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm)>. Acesso em: 22 de fev. 2022.

\_\_\_\_\_. **Contribuição à crítica da economia política**. Trad. Florestan Fernandes. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845 – 1846). Trad. Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, István. A educação para além do capital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

**O Cer**, CER - Centro Sebrae de Referência em Educação Empreendedora, disponível em: <<https://cer.sebrae.com.br/o-cer/>>. acesso em: 3 nov. 2021.



RELISE

180

SAVIANI, Dermeval, Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos, **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, p. 152–165, 2007.

\_\_\_\_\_. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 9 ed., Campinas, Autores Associados, 2005.

**Sebrae**, disponível em:  
<<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/galeriavideo/educacao-empREENDEDORA-em-tempos-de-criSE-do-coronavirus,3ee1f19dc7141710VgnVCM1000004c00210aRCRD>>. acesso em: 5 nov. 2021.

SELL, Jorge Armindo, Modelos de crítica imanente: um debate metateórico, **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, v. 1, n. 30, p. 110–126, 2017.

TONET, Ivo, EDUCAÇÃO CONTRA O CAPITAL, 3ª edição. São Paulo, 2016.  
VALENTIM, Erika Cordeiro do Rego Barros; PERUZZO, Juliane Feix, A ideologia empreendedora: ocultamento da questão de classe e sua funcionalidade ao capitalismo, **Temporalis**, v. 17, n. 34, p. 101–126, 201.